



## A Cobertura Ambiental Dos Jornais Impressos De Mato Grosso Do Sul<sup>1</sup>

Fernanda Lopez Athas<sup>2</sup>  
Jefferson Baicere Moreira<sup>3</sup>  
Pedro de Freitas Silva Torraca<sup>4</sup>  
Greicy Mara França<sup>5</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

### RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a cobertura ambiental dos dois principais jornais diários de Mato Grosso do Sul – Correio do Estado e O Estado de Mato Grosso do Sul – quanto à sua postura quando aborda a ecologia e o meio ambiente, de modo a verificar o alcance da cobertura do jornalismo ambiental por parte da imprensa escrita. Para tanto foram analisadas as edições dos dois jornais impressos, correspondente a duas semanas e as matérias relacionadas à temática foram classificadas seguindo uma análise de conteúdo. A presença de variadas matérias que envolviam o meio ambiente passam a falsa impressão de que a pauta ambiental é presente nas redações.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo ambiental; análise de conteúdo; cobertura local.

### O Meio Ambiente Enquanto Pauta

O agravamento das questões ecológicas advindas da atual depredação do meio ambiente tem gerado profundas mudanças no cotidiano mundial. E, neste sentido, os problemas, ao ganharem espaço como pauta jornalística, encontram um novo cenário na comunicação, onde a necessidade de uma abordagem com conceitos técnicos relacionados à realidade do dia-a-dia configuram uma nova forma de se fazer jornalismo: o jornalismo ambiental.

É inquestionável que os atuais problemas relacionados ao meio ambiente do planeta, encontram-se, na mídia, retratados de uma forma muito diferente do que as abordagens feitas há dez anos atrás; como explica a jornalista Fátima Cardoso.

Como um organismo vivo e ecologicamente estruturado, o Planeta sempre correspondeu às necessidades de sua biosfera. Contudo, nos últimos mil anos, com o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Sessão Jornalismo e Editoração, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 3º. ano do Curso de Jornalismo da UFMS, e-mail: fernanda.athas@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante de Graduação do 3º. ano do Curso de Jornalismo da UFMS, e-mail: jefferson\_baicere@hotmail.com

<sup>4</sup> Estudante de Graduação do 3º ano do Curso de Jornalismo da UFMS, e-mail: pftorraca@gmail.com

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFMS, e-mail: greicymara@hotmail.com



advento das modificações econômicas e tecnológicas promovidas pela sociedade, as reações a estas modificações passaram a configurar um quadro diferente, onde conhecimentos aliados à preservação tornaram-se alicerces de desenvolvimento.

A busca por esta informação passa a ser tão relevante no século XXI, que é considerada fator de nivelamento científico e social, ao passo que os grupos que detêm o conhecimento se diferenciam dos outros em seu potencial ambiental, principalmente no que diz respeito às ações. Em um novo contexto quem possui conhecimento age, se previne, se prepara e, portanto, a mídia, por deter o conhecimento contemporâneo e divulgá-lo, ganha mais destaque.

“No entanto, o papel do jornalismo ambiental não é apenas repetir o que já sabemos, mas contribuir na difusão de informações pertinentes para que a sociedade possa primeiramente conhecer os problemas para então articular soluções. E isso já é uma grande, uma enorme tarefa.” (BOAS, 2004, p. 141)

O conhecimento científico passou, então, a fazer parte das medidas contra os problemas ambientais. Saber que, segundo o relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), o aquecimento global projeta um aumento de nove a 88 centímetros no nível do mar, por exemplo, auxilia a elaborar idéias que minimizem esta situação.

Mas para isso, a veiculação das informações deve ser feita de forma clara, concisa e em esfera global; e o jornalismo contemporâneo possui tais subsídios para suprir a demanda.

Partindo deste pressuposto, um olhar sobre a mídia do estado do Mato Grosso do Sul revela um peso maior em informar uma sociedade que necessita economicamente de um meio ambiente preservado visto que parte do capital do Estado depende de uma cultura agropecuária forte juntamente com um desenvolvimento turístico lucrativo.

Nesse contexto, a veiculação científica algumas vezes é crucial, seja para informar problemas globais, como a onda de ecocatástrofes; problemas a curto prazo, como os efeitos da poluição no homem; ou locais como enchentes agravadas pelo efeito estufa. Portanto, local ou globalmente, a relevância de se fazer jornalismo no campo científico tem andado cada vez mais próxima da necessidade de informar às sociedades sobre o que é importante na esfera ambiental, e, conseqüentemente, o que se deve ser feito.



Grande parte dos pesquisadores que estudam a relação entre a mídia e a cobertura voltada para o meio ambiente compactuam com a idéia de que a Conferência da Organização das Nações Unidas realizada na cidade do Rio de Janeiro em 1992, a Rio-92, é um marco divisor no que diz respeito ao jornalismo ambiental brasileiro. Após essa conferência é possível sentir que os problemas ambientais sofreram um processo de globalização, onde todos os países começam a debater sobre preservação e biodiversidade. Entretanto, para tentar entender o que seria a cobertura jornalística do meio ambiente é preciso deixar claro o que a compete a essa área do jornalismo.

Primeiramente por se tratar de jornalismo deve ter um caráter de atualidade, mas sem deixar de possuir um senso crítico do que acontece na sociedade na qual estamos inseridos, além de pressupor uma periodicidade. Sendo assim, o jornalismo ambiental pode ser considerado uma das vertentes do jornalismo especializado. Percebe-se, então, uma divergência quando é comparado a outras modalidades do jornalismo dito especializado. O jornalismo ambiental não tem o mesmo espaço, nem é feito de maneira tão próxima do esperado, como quando se trata do jornalismo político, cultural ou econômico. Quanto ao meio ambiente adota-se aqui o conceito estabelecido por Wilson da Costa Bueno:

“Meio ambiente é o complexo de relações, condições e influências que permitem a criação e a sustentação da vida em todas as suas formas. Ele não se limita apenas ao chamado meio físico ou biológico (solo, clima, ar, flora, fauna, recursos hídricos, energia, nutrientes etc) mas inclui as interações sociais, a cultura e expressões/ manifestações que garantem a sobrevivência da natureza humana (política, economia etc)”. (BUENO, 2007, p.33)

Portanto, jornalismo ambiental será estabelecido como todo e qualquer produto jornalístico que trate como pauta o meio ambiente, sem deixar de considerar o contexto no qual está inserido, como as demandas da população, as decisões políticas, a economia local e as características particulares de cada comunidade onde o meio de comunicação cobre e veicula o seu produto.

A Rio-92 trouxe para o conhecimento da sociedade um conceito novo que, primeiramente, foi denominado de ecodesenvolvimento<sup>6</sup> e hoje é conhecido como desenvolvimento sustentável. Para a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e

---

<sup>6</sup> **Ecodesenvolvimento** - Forma de desenvolvimento que se traduz na integração da dimensão ecológica na problemática do desenvolvimento. Conceito que nasceu na Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente, em consequência da polémica gerada entre aqueles que defendem a desenvolvimento a qualquer preço, mesmo pondo em causa a própria Natureza e os partidários ecológicos. A degradação da terra e da água e a desflorestação são alguns exemplos do desenvolvimento económico selvagem. Os países devem seguir esta estratégia ambiental como processo de desenvolvimento. <http://www.esfgabinete.com/dicionario/?completo=1&conceito=Ecodesenvolvimento>



Desenvolvimento (CMMAD) desenvolvimento sustentável é “aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras de atenderem as suas próprias necessidades” (CMMAD, 1988, p. 46). Esse novo modelo de desenvolvimento presume uma nova forma de governar e produzir baseado pela sustentabilidade, onde o modelo atual de produção desenfreada e acreditando que os recursos naturais irão se renovar para poder produzir mais e gerar mais lucro para as empresas deveria ser repensado e reorganizado.

Uma das resoluções da Agenda 21, produzida pela Conferência Rio-92, em seu Capítulo 36 presume a conscientização da população sobre o meio ambiente, suas características e seus problemas através da educação ambiental. Hoje, não é somente a família e a escola que educam as novas gerações e têm a capacidade de interferir na vida cotidiana do ser humano, a mídia é também uma forte influência social que auxilia na determinação de conversas de rodas e das atitudes dos indivíduos. O jornalista uruguaio Vitor Bacchetta define no seu artigo “Perfil del periodista ambiental” como função dos profissionais de jornalismo ser um agente social e gerador de cidadania além de, segundo (DINES, ano, pg), ser a ética um dos pilares da tríade interativa das ações jornalísticas, visto que os jornalistas devem ser responsáveis pelos efeitos de seus trabalhos e das suas intervenções no processo. (DINES, apud LIMA, em [www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo\\_ambiental/artigo2.php](http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_ambiental/artigo2.php), acessado em 10 de abril de 2008)

Portanto, cabe ao jornalismo uma parcela da responsabilidade por essa conscientização da sociedade com relação ao meio ambiente. Uma forma de se fazer isso, sem utilizar o caráter de indignação e apelo sensacionalista, é através da veiculação da notícia com um trabalho voltado para alcançar o cidadão, demonstrando como na realidade o meio ambiente e os problemas estão próximos as pessoas no seu cotidiano.

### **As Dificuldades em Encontrar Espaço nas Redações**

Um dos problemas presentes na cobertura de jornalismo ambiental no país é a preocupação constante, e quase que obsessiva, dos jornais com o setor político/econômico que caracteriza a imprensa brasileira atualmente. A segmentação das editorias nas redações também constitui uma forte influência na cobertura não tão satisfatória das pautas ambientais, que acabam sendo relegadas para especificar apenas aspectos políticos e econômicos sem se preocupar com o social. Além disso, ainda há o



fato de alguns jornalistas que se interessam pela causa ambiental não defenderem suas pautas nos veículos de comunicação por receio de serem denominados de ‘ecochatos’.

Além de reduzirem a temática ambiental a números, ações governamentais ou simples amenidades de turismo que ressaltam a beleza local, ainda existe o problema de matérias publicadas em favor do marketing verde ou as publicidades<sup>7</sup>, que são anúncios disfarçados de matéria jornalística. As redações divulgam notícias como a auto-suficiência nacional em petróleo, mas se esquecem de lembrar fatos como acidentes de plataformas que resultarão em milhões de litros do combustível no oceano e o quanto isso irá agredir o meio ambiente. Ocorre nas redações e materiais veiculados uma aproximação arriscada entre informação e marketing. As empresas se preocupam em divulgar seu crescimento e/ou ações em prol do meio ambiente, mas que na verdade são ínfimas quando comparadas aos danos causados por ela na natureza.

A síndrome da erva daninha<sup>8</sup> atinge hoje a imprensa brasileira na cobertura do meio ambiente que, como os agrotóxicos fazem com as pragas nas plantações e atrapalham a produção, eliminam das suas pautas tudo o que não tem valor comercial, o que não lhes é rentável. Assim, a imprensa local continua por fazer uma defesa explícita do modelo agroexportador brasileiro, onde os grandes latifundiários intensificam e investem em produções de grãos que não fazem parte da alimentação básica do brasileiro, visando apenas a venda e lucro com o comércio exterior, uma visão que não privilegia o local.

Mas as dificuldades não estão concentradas apenas nas redações e no fazer jornalístico diário, mas também no que concerne à conscientização e problematização do próprio jornalismo ambiental brasileiro enquanto área a ser estudada. Conforme o artigo “A importância da mídia na conscientização ambiental”, de Eliana de Souza Lima, a primeira instituição de jornalismo ambiental foi criada em 1968 na França, pouco depois da Conferência da Biosfera realizada na própria capital francesa. Pouco tempo depois, nos Estados Unidos, foi criada a Sociedade de Jornalistas de Meio Ambiente dos Estados Unidos se tornando a principal entidade de jornalismo ambiental do mundo. E em 1993, na Alemanha, foi instituída a Federação Internacional de Jornalistas de Meio Ambiente.

---

<sup>7</sup> Termo utilizado por Wilson da Costa Bueno no livro Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente: teoria e pesquisa, 2007 .

<sup>8</sup> Termo utilizado por Wilson da Costa Bueno no livro Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente: teoria e pesquisa, 2007 .



Já no Brasil o meio ambiente (ecologia) começou a ganhar um espaço maior nos jornais brasileiros na época da ditadura militar, pois eram censurados a escrever sobre vários assuntos, mas encontraram na ecologia uma temática a se explorar e sem muitas restrições de publicação por parte do governo.

A iniciativa de criar um órgão semelhante tomou corpo e força em 1989 em um seminário da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) onde foram criados grupos regionais de jornalismo ambiental, onde hoje podemos considerar o mais importante como sendo o Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul (NEJ/RS), e em 1998 houve a criação da Rede Brasileira de Jornalistas Ambientais (RBJA), sendo todas as ações em prol de melhorar a produção do material veiculado pautado no meio ambiente.

O estudo do jornalismo ambiental no país ainda está engatinhando, pois, por se tratar de uma área específica da profissão não encontra uma vasta lista de publicações específicas voltadas para esse público como em outras subdivisões do jornalismo. Um trabalho acadêmico, por exemplo, voltado para essa especificidade (meio ambiente) vai conter em sua bibliografia alguns poucos títulos com referência direta à comunicação e uma maioria de obras voltadas para a área biológica. Apesar de um número baixo, essas publicações voltadas para o jornalismo sempre buscam discutir a temática do meio ambiente em confronto com o modelo de desenvolvimento atual, exemplificando com situações já ocorridas e com o objetivo de fazer com que os jornalistas que se encontram em redações se conscientizem mais sobre a abordagem feita sobre os agrotóxicos, a água, a energia, o solo, a fauna, a flora, o desenvolvimento urbano e a sua interferência no nicho ecológico, entre outros.

### **A Cobertura Ambiental dos Principais Jornais Impressos de MS**

Partindo de uma preocupação com a cobertura do meio ambiente pela grande imprensa em Mato Grosso do Sul, optou-se por fazer uma análise de conteúdo dos dois maiores jornais impressos do Estado, com a localização de matérias onde o meio ambiente está na pauta e classificando-o conforme as características do produto. A escolha pela análise de conteúdo consiste no objetivo de saber e especificar o que a mídia local veicula em seus produtos midiáticos. Bernard Berelson (1952, p. 18) já definia a análise de conteúdo como uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação.



Os dois jornais impressos analisados nesta pesquisa são o “Correio do Estado” e “O Estado de MS”, considerados por grande parte da população como os jornais com maior credibilidade e confiança, além de terem as duas maiores circulações também. O jornal Correio do Estado é o segundo mais antigo de Mato Grosso do Sul e foi fundado em 1954. Já o jornal “O Estado de MS” é recente, foi fundado em 2002, mas em pouco tempo conseguiu reunir um público de leitores fiel e se consolidou no cenário da grande imprensa do Estado.

Foram analisadas duas semanas corridas de ambos os jornais, totalizando 14 dias de publicações, exceto pelo fato do jornal “O Estado de MS” não circular no domingo e, portanto, totalizar duas edições a menos. Os dias analisados correspondem ao período de 23 de novembro a 29 de novembro, e de 2 de dezembro a 8 de dezembro. Foram analisadas todas as matérias publicadas para a verificação da presença do meio ambiente em cada uma delas, seja qual for o enfoque dado (econômico, político, ambiental, entre outros). Para manter a isenção na análise não foram considerados como produtos a serem avaliados os cadernos semanais de ambas as publicações que contemplam o Agribusiness, o que interferiria no resultado final da análise.

As matérias selecionadas foram, então, classificadas em cinco grupos para uma melhor compreensão do material veiculado. São elas:

- Tópico Ambiental – preocupado em identificar qual a área do meio ambiente era contemplada e relatada na matéria, devido a sua importância no contexto. Subdivididas em: agronomia, energia, pecuária, ecocatástrofes, meteorologia, questões climáticas, saúde, social, água e indústrias.
- Ângulo da Reportagem – visa apontar qual o rumo tomado pela pauta que contém meio ambiente, como mostrar os problemas enfrentados, a expansão de uma empresa ou pontos positivos da ecologia. Subdivididas em: conflito, solução e divulgação.
- Importância Geopolítica – objetiva verificar em qual âmbito a matéria se torna relevante para o público leitor. Subdivididas em: internacional, nacional e local.
- Principais Atores – neste tópico serão ressaltadas as principais personagens que compõem as matérias analisadas, aquelas que ganham maior destaque no texto jornalístico. Subdivididas em: governo, empresas privadas, público geral, cientistas e ambientalistas.



- Editorias – esta classificação vai avaliar em qual editoria de um jornal, ou especialização do profissional, a pauta envolvendo o meio ambiente foi alojada para ser transformada em matéria posteriormente. Subdivididas em: economia, política, cidades, ambiental, saúde e cultura.

O jornal “Correio do Estado” obteve-se nos seus 14 dias um total de 64 matérias nas quais o meio ambiente estava presente, seja de maneira explícita ou implícita, quando deixadas as questões de cunho ambiental para fora da pauta. Em relação ao tópico ambiental o mais recorrente foram as matérias relacionadas à energia com 18 matérias, seguida por: social com 17 matérias, pecuária, saúde e meteorologia com 7 matérias cada, agronomia com 6 matérias, ecocatástrofes com apenas 2 matérias e questões climáticas, água e indústrias não apareceram.

O ângulo da reportagem apresentou como dados: conflito e divulgação em maior número com 22 matérias cada e solução com 20 matérias. A importância geopolítica totalizou o âmbito local com 39 matérias, nacional com 16 matérias e o internacional com apenas 9 matérias.

Na categoria que visava identificar os principais atores no texto foram analisados e o governo apareceu com a maior frequência, com 24 matérias, depois foi o público em geral com 19 matérias, as empresas privadas com 15 matérias, os cientistas com 4 matérias e os ambientalistas foram atores principais em apenas 2 matérias. As editorias nas quais se encaixavam nos ajuda a perceber bem a cobertura, sendo que 29 matérias pertenciam à economia, cidades contou com 14 matérias, ambiental com 12 matérias, saúde com 5 matérias, política apresentou somente 4 matérias e cultura não apareceu nenhuma vez.

Já no jornal “O Estado de MS” obteve-se nos seus 12 dias, tirando os domingos que não circula, um total de 72 matérias nas quais o meio ambiente estava presente, fazendo uma análise igualitária a feita no outro jornal impresso. Em relação ao tópico ambiental o mais recorrente também foram as matérias relacionadas à energia com 18 matérias, seguida por: saúde com 11 matérias, meteorologia e social com 9 matérias, pecuária com sete matérias, ecocatástrofes e indústrias com 5 matérias cada, água com 4 matérias, agronomia com 3 matérias e as questões climáticas com apenas uma matéria jornalística.

O ângulo da reportagem apresentou como dados: conflito em maior número com 31 matérias, divulgação com 22 matérias e solução com 19 matérias. A importância





geopolítica totalizou o âmbito local com 51 matérias, internacional com 11 matérias e o nacional com apenas 10 matérias.

Na categoria que visava identificar os principais atores no texto foram analisados e o público geral apareceu com a maior frequência, com 28 matérias, depois foi o governo com 26 matérias, as empresas privadas com 16 matérias, os cientistas com apenas duas matérias e os ambientalistas não foram atores principais em nenhuma das matérias analisadas. As editorias nas quais se encaixavam apresentou cidades em maior ocorrência com 26 matérias, economia com 19 matérias, política com 13 matérias, ambiental com 7 matérias, saúde com seis matérias e cultura apareceu somente uma vez.

### **Considerações Finais**

A metodologia de análise de conteúdo de Laurence Bardin foi a mais utilizada, portanto a separação do material a ser analisado seguiu padrões de data de veiculação, conteúdo e contexto respeitando os mesmos dias.

A análise de parte da mídia impressa do Mato Grosso do Sul apontou para um jornalismo mais imediatista e que, mesmo tendo como pauta ou contexto o meio ambiente, apresentou características mais sociais ou econômicas ao abordar os fatos deste modo, sem deixar o caráter imediatista e americano de lado.

O contato com o jornalismo impresso das datas no artigo citadas revelou que, na maioria das vezes, o que é veiculado acerca do meio ambiente se relaciona mais com as conseqüências negativas da depredação do mesmo, do que abordagens ligadas a preservação e conservação. Prova disto é o grande numero de matérias relacionadas a conflitos que se observou ao longo do processo de coleta dos dados.

Outra consideração importante a ser frisada é que a abordagem de fatos locais tem grande destaque nos jornais observados. As 39 matérias locais publicadas no jornal Correio do Estado correspondem a 60,93% de toda a amostragem, deixando assim 39,07% de seu espaço para notícias de cunho nacional ou mundial. No jornal O Estado as 51 matérias publicadas sobre abordagens locais correspondem a 70,83% de todas as outras. Isso dá um caráter regionalista às abordagens ambientais e, conseqüentemente, a parte do jornalismo atual, que respeita muitas vezes mais o interesse local do que global.



## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Aloísio Barboza de. **O Meio Ambiente no Brasil – Aspectos econômicos**. Coleção Relatório de Pesquisas. Rio de Janeiro, RJ. IPEA, 1979.

BACHETTA, Victor L. **Perfil Del Periodista Ambiental**. Porto Alegre, 2000. Disponível em: <http://www.saladeprensa.org/art340.htm> . Acessado em 07 de março de 2008.

BARBIERI, José Carlos. **Desenvolvimento e Meio Ambiente – As estratégias de mudanças da Agenda 21**. 7ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2005.

BENETTI, Márcia e LAGO, Cláudia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Coleção Fazer Jornalismo. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2007.

BOAS, Sérgio Vilas. **Ambiental – Jornalismo para Iniciados e Leigos**. Coleção Formação e Informação. São Paulo, SP. Editora Summus, 2004.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo, SP. Editorial Mojoara, 2007.

CAIRNCROSS, Frances. **Meio Ambiente – Custos e Benefícios**. São Paulo, SP. Editora Nobel, 1992.

CALDAS, Graça. **Jornalistas e Cientistas: Uma Relação de Parceria**. São Paulo, 2006.

CAPOZOLI, Ulisses. **Olho Cego, Ouvidos Mucos**. São Paulo, 2001. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/ofjor/ofc140220011.htm> . Acessado em 12 de março de 2008.

CARDOSO, Fátima. **Efeito Estufa. Por que a Terra Morre de Calor**. São Paulo: Ed. Mostarda, 2006

GUERRA, Antonio José Teixeira e CUNHA, Sandra Baptista da (Org.). **A Questão Ambiental – Diferentes Abordagens**. Rio de Janeiro, RJ. Bertrand Brasil, 2003.

HEBERLÊ, Antônio Luiz Oliveira. **Aproximações e Afastamentos Entre Ciência e Mídia**. São Paulo, 2004.

HEBERLÊ, Antonio Luiz Oliveira. SAPPER, Sady Macedo. **Identidades e Diferenças entre Ciência e Mídia**. Rio de Janeiro, 2005.

JOHN, Liana. **O caminho do Compromisso**. Disponível em: <http://www.biodiversityreporting.org/article.sub?docId=1437&c=Brazil&cRef=Brazil&year=2001&date=January%202001> . Acessado em 03 de março de 2008.

LIMA, Eliana de Souza. **A importância da mídia na conscientização ambiental**. Disponível em: [http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo\\_ambiental/artigo2.php](http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_ambiental/artigo2.php) . Acessado em 10 de março de 2008.

PELICIONI, Maria Cecília Focesi e JR., Arlindo Philippi. **Educação Ambiental e Sustentabilidade**. Barueri, SP. Editora Manole, 2005.

SCHIVARTCHE, Fábio. **As Grandes Cidades Morrem. Você Pode Salvá-las**. São Paulo: Ed. Mostarda, 2005.